

# **PARTITURAS DO SILÊNCIO**

poéticas do movente

## **Conselho Editorial**

Alex Primo – UFRGS  
Álvaro Nunes Laranjeira – UTP  
André Parente – UFRJ  
Carla Rodrigues – PUC-Rio  
Ciro Marcondes Filho – USP  
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS  
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP  
Erick Felinto – UERJ  
Francisco Rüdiger – PUCRS  
Giovana Scareli – UFSJ  
J. Roberto Whitaker Penteadó – ESPM  
João Freire Filho – UFRJ  
Juremir Machado da Silva – PUCRS  
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS  
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP  
Michel Maffesoli – Paris V  
Muniz Sodré – UFRJ  
Philippe Joron – Montpellier III  
Pierre le Quéau – Grenoble  
Renato Janine Ribeiro – USP  
Rose de Melo Rocha – ESPM  
Sandra Mara Corazza – UFRGS  
Sara Viola Rodrigues – UFRGS  
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS  
Vicente Molina Neto – UFRGS

---

**Apoio:**



# PARTITURAS DO SILÊNCIO

poéticas do movente

**Luciano Bedin da Costa**  
**Eduardo Guedes Pacheco**

Organizadores



*Editora Sulina*

Copyright © Autores, 2017

Capa: Humberto Nunes (sobre ilustração de Titi Bertol)

Projeto gráfico e editoração: Niura Fernanda Souza

Revisão: Simone Ceré

Revisão gráfica: Miriam Gress

Editor: Luis Antônio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

---

P273

Partituras do silêncio: poéticas do movente / organizadores: Luciano Bedin da Costa e Eduardo Guedes Pacheco. -- Porto Alegre: Sulina, 2017.  
206 p.

ISBN: 978-85-205-0805-3

1. Educação. 2. Ensino de Educação. 3. Sociologia da Educação. I. Costa, Luciano Bedin da. II. Pacheco, Eduardo Guedes.

CDD: 370.19

CDU: 37

---

Todos os direitos desta edição são reservados para:  
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Editora Meridional Ltda.

Av. Osvaldo Aranha, 440, cj. 101 – Bom Fim

Cep: 90035-190 – Porto Alegre/RS

Fone: (0xx51) 3311.4082

www.editorasulina.com.br

e-mail: [sulina@editorasulina.com.br](mailto:sulina@editorasulina.com.br)

Dezembro/2017

À comunidade de amigos e amigas que fazem  
deste livro um testemunho vivo do silêncio.



Ir ao silêncio, medir-se pelo desconhecido, pelo incognoscível. Não absolutamente para aprender o que ignoramos, mas, ao contrário, para desaprender a fim de não sermos mais que escuta do infinito onde soçobramos, escuta do naufrágio.

Edmond Jabès, *O livro das margens*





# Sumário

Para que não sejamos estelionatários sonoros de nós mesmos.....	11
<i>Luciano Bedin da Costa &amp; Eduardo Guedes Pacheco</i>	
<b>MODO 1: DAS FABRICAÇÕES.....</b>	<b>17</b>
Riscos e ritmos.....	19
<i>Paola Zordan</i>	
<b>MODO 2: DOS CORPOS.....</b>	<b>29</b>
Gesto.....	31
<i>Anna Leticia Ventre &amp; Elisandro Rodrigues</i>	
[Er]ótica.....	41
<i>Paula Mastroberti</i>	
A língua do vivo: ressonâncias entre a arte e a clínica.....	55
<i>Hélia Borges</i>	
<b>MODO 3: DAS IMAGENS.....</b>	<b>67</b>
Ar.....	69
<i>Cristiano Bedin da Costa</i>	
Fantasmagoria.....	79
<i>Silas Borges Monteiro</i>	

<b>MODO 4: DO DANÇAR</b> .....	95
Movimentos .....	97
<i>Angélica Vier Munhoz</i>	
Entrecorpo: o corpo como poesia cotidiana e a dança como caminho para esta experiência.....	107
<i>Anne Plein da Silva</i>	
 <b>MODO 5: DO MONOLINGUISMO EDUCACIONAL</b> .....	115
Cleberiar.....	117
<i>Rafaela da Rocha Leite</i>	
Metoditar .....	121
<i>Adrielle Rezende</i>	
Formação de professores.....	123
<i>Morgana Kremer</i>	
 <b>MODO 6: DO INEXPRIMÍVEL</b> .....	125
Impossível .....	127
<i>Janniny G. Kierniew &amp; Simone Moschen</i>	
Poemanifestante .....	137
<i>Bruna Johann Nery</i>	
 <b>MODO 7: DA ESCUTA AO SILÊNCIO</b> .....	141
Devir-escuta.....	143
<i>Glauber Resende Domingues</i>	
Cacofonia .....	157
<i>Géssica Carneiro da Rosa</i>	
Arqueologias do silêncio: música, filosofia e poesia .....	163
<i>Simone Rasslan</i>	
Repensar o ensino musical: proposta para uma escola de música.....	181
<i>Silvio Ferraz</i>	

# Para que não sejamos estelionatários sonoros de nós mesmos

Luciano Bedin da Costa<sup>1</sup>  
Eduardo Guedes Pacheco<sup>2</sup>

Nenhum som teme o silêncio que o aborta,  
e não há silêncio que não esteja grávido de som.  
John Cage, *Silence*

Devemos, talvez, a John Cage a nossa curiosidade por desejarmos o silêncio como substância de manipulação, silêncio que não se confunde com a simples ausência de sons, com a castradora experiência de uma falta. Com Cage o silêncio torna-se provocativo, impertinente, não respondendo a nenhum domínio disciplinar exclusivo, dado que se insurge no murmúrio incessante da vida,

---

<sup>1</sup> Docente da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

<sup>2</sup> Professor Adjunto da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) nos cursos de Licenciatura em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro; Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional da UERGS.

tornando íntimos corpos díspares e até então intocáveis. Mas o silêncio de Cage é, antes, uma atualização do que a própria física já havia anunciado, do fato de som & silêncio serem termos siameses indescritivelmente dobrados entre si, levando-nos a pensar que tudo é som e ao mesmo tempo silêncio. Colocar-se a escutar passa a ser uma experiência com esse duplo-siamês que a assedia, visto que o objeto a que supostamente se escuta [escuta-se um objeto sempre por suposição] comporta uma reserva incondicional de sonoridades virtuais que o extrapola e o faz insistentemente derivar. Trata-se de uma experiência que, para Pascal Quignard, é sempre outra que pessoal, experiência ao mesmo tempo pré-interna e pré-externa, experiência transportante, pânica e sinestésica, invadindo os membros do corpo, apoderando-se do pulso cardíaco e do ritmo involuntário da respiração. Muito antes de nos tornarmos emissores sonoros voluntários, obedecemos a uma sonata materna, preexistente soprano, em surdina, quente, envolvente. Uma polirritmia física, cardíaca, depois gritante e respiratória, depois esfaimada e chorosa, depois matriz e balbuciante e somente após linguística. A conquista ou aquisição da linguagem é, antes, um acontecimento paleontofônico que expõe à superfície da fala as destinerrâncias das línguas que a precedem. O falante-em-nós é isto que fala e que também escreve em um território agenciado por sonoridades que respondem a ordens diversas, impondo-lhes também uma série de interpelações. A escuta de *outrem* [deste outro que, como nós, fala sempre de um lugar indomesticável] exige que sejamos um tanto compositores, que, no encontro com o outro, possamos nos inventar em partituras que

nos tornam com-possíveis uns aos outros. No entanto, a exigência por composição é também uma exigência por resistência, por uma recusa ou estagnação ativa diante de determinados regimes de obediência que insistem em pautar não somente as claves dos nossos encontros, como seus compassos, articulações, durações, acentos, pausas e interrupções.

Chegamos então ao ponto que anima a irrupção deste livro em sua tentativa de pensar a vida enquanto fabricação contínua de partituras que se lançam para além e aquém de nós mesmos, partituras com as quais partilhamos a estranha sensação de sermos fabricantes e também fabricados. Partituras que aprendemos a ler e a também compor à medida que habitamos e desertamos determinados territórios, partituras que ensi(g)nam modos de vida possíveis, que se inscrevem em uma miríade de signos mundanos que pluralizam a experiência cotidiana de produção e reprodução de sentido na relação com o outro. No entanto, essa vida a *tempo rubato* que levamos por vezes rouba o que nos parece essencial. Sequestrados de nossas partituras infraleves e das semínimas que agenciam a cadência dos corpos, gestos e ânimos, acabamos por nos tornar estelionatários sonoros de nós mesmos. Neste jogo de forças entre partituras diversas, nos vemos inexoravelmente mergulhados em uma experiência ético-política, algo com o qual concordamos. No entanto, o que neste livro buscamos evocar é a dimensão poiética que alimenta esta relação, de poéticas conectadas a uma escuta em tonalidade menor, a escutas microtonais que possam acolher a insurgência do silêncio e a abertura a devires extraberrantes.

Os ensaios que compõem este livro soam para nós enquanto partituras do movente, partituras de pensamento-escrita que se inscrevem à revelia das palavras e do monolinguismo da vida, de um silêncio que nunca se emancipa totalmente do movimento dos corpos que o produzem e que por ele são também produzidos. Partituras de um silêncio que não se dissocia da performance que as anima, inscrito sob signo latente e latejante de gestos quase intangíveis, dispersando-se sob as rochas do cotidiano onde nossos corpos ricocheteiam de partitura em partitura.

Organizamos este volume aspirando a uma espécie de comunidade do silêncio. Os autores e autoras do livro são pesquisadores, docentes, artistas e estudantes que, sob sinetes diversos, gentilmente aceitaram o desafio de pensar-escrever a partir deste silêncio em tonalidade menor, deste *estar à escuta* tão bem enunciado por Jean-Luc Nancy. Embora o livro possa ser lido de qualquer maneira, organizamos os ensaios em pequenos conjuntos a partir de sete modos que nos parecem comuns: *Da fabricação* (modo 1); *Dos corpos* (modo 2); *Das imagens* (modo 3); *Do dançar* (modo 4); *Do monolinguismo educacional* (modo 5); *Do inexprimível* (modo 6); *Da escuta ao silêncio* (modo 7). Uma primeira leitura já será suficiente para perceber que as fronteiras entre os modos são desguarnecidas, que seus limites, mais do que imprecisos, são meramente ficcionais.

*Partituras do Silêncio*: poéticas do movente é fruto do encontro entre *Pedagogia do Silêncio*<sup>3</sup> e *Dicionário Raciocinado das*

---

<sup>3</sup> Pesquisa coordenada por Eduardo Guedes Pacheco (Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS) junto ao grupo de pesquisa ARTDIFE – Arte, Diferença e Educação,

*Licenciaturas*<sup>4</sup>, pesquisas que compartilham uma vontade de resistência à monofonia de determinados discursos educacionais. Faz-se necessário grifar que este livro foi concebido em 2017 sob surdina de um inverno pós-Golpe. Enquanto organizadores do livro gostaríamos que os leitores também o lessem enquanto livro de combate, de combates poéticos em prol do movente, do que nas ruas, nos corpos, nos gestos, nas palavras e nos tímpanos acaba sempre por se movimentar. Uma educação pelo silêncio exige-nos corpos, ouvidos, línguas e nervos afiados.

## Referências

CAGE, John. *Silence*. 50<sup>th</sup> ed. Middletown: Wesleyan University Press, 2011.

CAMPOS, Augusto de. *Música de invenção*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

NANCY, Jean-Luc. *À escuta*. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2014.

QUIGNARD, Pascal. *Ódio à música*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

---

com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul – FAPERGS. Esta pesquisa parte das provocações feitas pelo compositor John Cage para problematizar a atuação docente de professores de Arte, tendo o silêncio como conceito provocador para invenções sobre aulas em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro.

<sup>4</sup> Pesquisa coordenada por Luciano Bedin da Costa (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS) e financiada pelo CNPq, recurso que possibilitou a organização deste livro.